



OS NOMES NUS EM CABOVERDIANO: UM PANORAMA GERAL BARE NOUNS IN CAPE VERDEAN: A GENERAL OVERVIEW

*Wânia Miranda*¹

RESUMO

No presente artigo trataremos das características gerais do sintagma nominal do caboverdiano. Exploraremos a questão dos nomes nus, em uma perspectiva semântica, observando uma das estratégias de expressão de genericidade na língua, bem como as interpretações definida e indefinida dos nomes nus. A nomenclatura nomes nus é utilizada neste trabalho para se referir aos nomes sem a presença de determinantes. Essa denominação serve à literatura para contrapor nomes com a presença de determinantes a nomes sem essa presença, considerando que os primeiros sejam a forma mais usual nas línguas em geral. Defendemos que, pelo menos em caboverdiano, os nomes nus seriam a forma padrão na língua. A presença de determinantes, por outro lado, é guiada por estratégias específicas. A partir de dados coletados em trabalho de campo na ilha de Santiago e dados retirados de trabalhos prévios sobre a língua, apresentaremos as características gerais dos nomes nus do caboverdiano, na variedade de Sotavento. Partindo do fato de que os nomes em caboverdiano, em sua maioria, não precisam ser acompanhados de determinantes, veremos que as noções de pressuposição e unicidade serão relevantes dentro do sintagma nominal da língua e podem favorecer determinadas leituras ou interpretações do nome nu em detrimento de outras.

PALAVRAS-CHAVE: Caboverdiano; Nomes Nus; Sintagma Nominal; Semântica; Línguas de Contato.

ABSTRACT

In this paper I will present some of the characteristics of Cape Verdean noun phrase. I will explore strategies of genericity expression in the language, as well as defined and undefined interpretations of bare nouns adopting a semantic perspective. According the literature *bare nouns* are the most common form in languages in general. We argue that, at least in Cape Verdean, bare nouns would be the standard form in the language. The presence of determinants, on the other hand, is guided by specific strategies. Based on data from fieldwork and from previous studies, we will present the general characteristics of bare nouns in Cape Verdean, specifically in Sotavento variety. Notions of presupposition and uniqueness are relevant in ours analysis. Considering the fact that most Cape Verdean nouns do not need to be accompanied by determinants, we will try to verify what may or not guide certain *bare nouns* interpretations over others.

KEYWORDS: Cape Verdean; Bare Nouns; Noun Phrase; Semantics; Language in Contact

1 Professora Adjunta do Curso de Letras da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira – UNILAB/Campus dos Malês.



Introdução

A língua Caboverdiana oferece alguns desafios para o linguista, pois, apresenta questões de notória dificuldade de serem abordadas, especialmente no que diz respeito ao sintagma nominal e ao paradigma pronominal. No que diz respeito ao sintagma nominal, o fato de possuir características não atestadas em outras línguas acaba por despertar o interesse dos estudiosos da língua.

Os nomes, em caboverdiano², não são, em geral, acompanhados de qualquer determinante. A introdução de novos referentes e expressão de quantificação podem estar associadas à partícula *un/uns*. A presença de *un(s)*, contudo, não é obrigatória para que um dado sintagma nominal (NP) possa ser interpretado como indefinido³. A língua lança mão ainda da partícula *kel/kes* para veicular, entre outras coisas, definitude. Este emprego, todavia, também não se dá de modo usual⁴.

O presente trabalho debruça-se sobre a questão dos *nomes nus* na língua e as estratégias semânticas de interpretação desses nomes. A partir de dados coletados em trabalho de campo⁵ realizado na ilha de Santiago, Cabo Verde, no ano de 2012, e com base em análises e dados de trabalhos anteriores, como os de Baptista (2007), discutiremos as estratégias da língua para veicular as noções de genericidade, definitude e indefinitude, uma vez que essas leituras prescindem da presença de determinantes. Defendemos que, em caboverdiano, os *nomes nus* seriam a forma padrão na língua. A presença de determinantes, por outro lado, é guiada por estratégias específicas, uma vez que são ocorrências menos frequentes.

A nomenclatura *nomes nus* é utilizada neste trabalho para se referir aos nomes sem a presença de determinantes. Essa denominação serve à literatura para contrapor nomes com a presença de determinantes a nomes sem essa presença, considerando que os primeiros sejam a forma mais usual nas línguas em geral. Veremos que a noção de pressuposição e unicidade será relevante dentro do sintagma nominal do caboverdiano, podendo favorecer determinadas

2 O caboverdiano é falado no arquipélago de Cabo Verde, na costa ocidental africana. É considerada uma língua de contato, formada no contexto de Expansão Colonial português, por volta do século XV, através do contato entre o português europeu e as diversas línguas africanas levadas para o arquipélago àquela época. Nos estudos sobre esta língua, as variedades linguísticas são divididas em Sotavento e Barlavento. As variedades de Barlavento são faladas nas ilhas ao norte do arquipélago, enquanto as variedades de Sotavento são faladas nas ilhas ao sul. No presente artigo, analisamos dados da variedade de Sotavento, especificamente, da ilha de Santiago, onde está localizada a capital do país, a cidade de Praia.

3 É importante observar que estudos na área da semântica são recentes tanto na língua caboverdiana quanto nas línguas crioulas, em geral.

4 Para mais detalhes sobre *kel/kes*, no que diz respeito às suas propriedades semânticas, ver Miranda (2013, 2015).

5 Os dados coletados pela autora do trabalho fazem parte de um *corpus* que conta com dez horas de gravações de conversas espontâneas, testes semânticos de aceitabilidade e questionários. Grande parte dos dados foram coletados na ilha de Santiago, em 2012. Parte dos testes semânticos de aceitabilidade e questionários foram aplicados, após a viagem de campo e análise inicial dos dados, com a colaboração de professores em Cabo Verde e falantes caboverdianos residentes no Brasil.

leituras ou interpretações do nome *nu* em detrimento de outras.

Na próxima seção exploraremos algumas noções teóricas a respeito dos nomes *nus* em dados do português brasileiro, a partir dos trabalhos de Carlson (1977) e Müller (2003; 2004), e da noção de pressuposição, baseados em Cañado (2012) e Gomes & Sanchez-Mendes (2018), que serão importantes para a discussão dos dados da língua caboverdiana.

Na seção três (3) discutiremos os nomes *nus* na língua caboverdiana, para tanto, apresentamos, apoiado no trabalho de Baptista (2007), algumas análises realizadas sobre os nomes *nus* no caboverdiano e discutiremos essas análises com base na hipótese defendida neste trabalho. Importante lembrar que as análises previamente realizadas sobre o sintagma nominal do caboverdiano são, em sua grande maioria, sintáticas.

Na mesma seção, discutimos as estratégias para veicular a noção de genericidade na língua, bem como veicular a interpretação definida e indefinida dos nomes *nus* do caboverdiano. A partir dos dados coletados, veremos quais são essas estratégias utilizadas na língua e como elas possibilitam as diferentes interpretações. Por fim, apresentaremos as conclusões finais do presente texto.

Sobre os Nomes Nus e a Noção de Pressuposição: Breve Apresentação Teórica

Nessa seção, apresentaremos, em linhas gerais, duas noções importantes para a discussão acerca do sintagma nominal do caboverdiano, a saber: *nomes nus* e *pressuposição*. Perceberemos, ao longo das análises dos dados do caboverdiano e a partir do entendimento teórico, tanto do comportamento dos nominais *nus*, quanto da pressuposição, que esta língua apresenta algumas particularidades em relação a outras línguas, como o português brasileiro, por exemplo.

Os nomes nus

Na tradição semântica, um dos trabalhos mais citados dentro da literatura sobre os *nomes nus* é o de Carlson (1977). No artigo em referência, o autor divide a leitura dos plurais *nus*⁶ em dois tipos básicos: genérico (1) e existencial (2):

- (1) Cavalos são mamíferos.
- (2) Eu vi transeuntes recusar ajuda ao ferido.

(MÜLLER, 2003, p. 68)

A respeito dos tipos básicos de leitura dos plurais *nus* feita por Carlson (1977), seria possível descrever a leitura genérica como incorporando um quantificador do tipo universal,

⁶ Carlson (1977) chama de *bare plurals* os sintagmas nominais não precedidos de determinantes. No português brasileiro, no entanto, nem sempre a forma plural sem artigo será a mais natural para expressar o sentido de plurais *nus* do inglês (MÜLLER, 2003).

exemplificado na sentença em (3), com o quantificador universal *todos*. A leitura existencial, por sua vez, seria descrita como incorporando um quantificador equivalente ao plural do artigo indefinido, por exemplo, *alguns*, na sentença em (4):

(3) Todos os cavalos são mamíferos.

(4) Eu vi alguns transeuntes recusar ajuda ao ferido.

(MÜLLER, 2003, p. 68)

Na perspectiva de Carlson (1977) os plurais *nus* comportam-se, tanto sintática quanto semanticamente, como nomes próprios. Um exemplo disso seria seu comportamento em contextos opacos ou intensionais que ocorrem em sentenças com verbos do tipo *acreditar*, *querer*, *achar*, *imaginar* etc. Nesses contextos, não é possível fazer a substituição de expressões que tenham a mesma referência no mundo, pois a relevância reside no sentido das expressões que compõem a oração subordinada e não na referência. Observe-se a sentença a seguir, com o nome *Deputado Estadual* no singular acompanhado do artigo indefinido *um*:

(5) Maria quer falar com um Deputado Estadual.

No exemplo em (5), há duas leituras possíveis. Na primeira, representada em (6a) a seguir, o Deputado Estadual existe e é intenção da Maria falar com ele; já na segunda leitura, em (6b), na sequência, falar com um Deputado Estadual está embutido no desejo da Maria e esse Deputado não precisa sequer existir.

(6) a. Existe alguém que é Deputado Estadual e Maria deseja falar com este alguém.

b. Maria deseja falar com qualquer pessoa que seja Deputado Estadual.

Compare-se (5) com os dados (7), com um plural nu (*economistas progressistas*), e (8), com um nome próprio (*Carlos*), retirados de Müller (2003, p. 69). A sentença (7) não permitiria uma leitura em que *economistas progressistas* existam necessariamente. Tanto em (7) quanto em (8) não há leitura ambígua, e é esse o comportamento que Carlson (1977) atribui aos plurais *nus* do inglês. Em síntese, os *nomes nus* não gerariam leitura ambígua em contextos opacos, o que seria equivalente ao comportamento dos nomes próprios no mesmo contexto.

(7) Maria deseja falar com *economistas progressistas*.

(8) Maria deseja falar com *Carlos*.

Deve-se observar que, em alguns casos de contextos transparentes, a mesma ambiguidade gerada em (5) pode ser produzida por um modalizador deôntico, situado no domínio do dever em verbos como *ter* e *dever*, exemplificado em (9), ou seja, nesta sentença há igualmente uma leitura na qual o Deputado Estadual existe e Maria deve falar com ele; e uma segunda leitura em que falar com um Deputado Estadual está relacionada ao dever da Maria e esse Deputado não precisa sequer existir.

(9) Maria deve falar com um Deputado Estadual.

A análise sobre a denotação dos plurais nus do inglês apresentada por Carlson (1977) não poderia, entretanto, ser aplicada a todas as línguas. No português brasileiro, singulares nus também podem veicular uma leitura genérica, como se pode observar em (10). Todavia, o singular nu não é uma condição necessária para se obter a leitura genérica, argumento exemplificado em (11).

As sentenças (10) e (11), embora suscitem leitura genérica, são interpretadas com base em dois processos distintos (MÜLLER, 2003, p. 163; GOMES & SANCHEZ-MENDES, 2018, p. 61), apresentados na sequência.

(10) Brasileiro gosta de futebol.

(11) O gato tem quatro patas.

A sentença (10), com o singular *nu*, diz: “geralmente, se alguém é brasileiro, gosta de futebol”. A generalização envolve a sentença inteira, ou seja, o conteúdo como um todo expressa generalização. Em (11), por sua vez, “ter quatro patas é uma propriedade que se aplica à classe dos gatos” refere-se a toda a classe de entidades. A genericidade, nesse caso, é uma propriedade do sintagma nominal e não da sentença.

Para Müller (2003), no PB, as sentenças genericamente quantificadas preferem o singular *nu* - (10) - ao passo que a expressão de referência à espécie pode ser denotada pelo sintagma nominal definido — (11).

Ainda, de acordo com a análise de Müller (2003, p. 165) o definido genérico tem sua referência determinada, em grande parte, pelo conhecimento partilhado e não tanto por seu conteúdo lexical. Diante da ambiguidade de muitas expressões nominais, que trazem uma leitura genérica e uma leitura específica, e também de muitas sentenças com leitura episódica e leitura de quantificação genérica, Müller (2003, p. 168) apresenta alguns testes para verificar se determinada expressão nominal ou sentença tem leitura genérica ou não.

A autora argumenta que sentenças genericamente quantificadas podem ser parafraseadas, de maneira aproximada, com advérbios sentenciais como *necessariamente*, *geralmente* ou *tipicamente*. O teste em (13b) mostra que essa não é uma sentença genericamente quantificada, uma vez que o uso do advérbio sentencial *geralmente* a torna agramatical⁷.

(12) a. Gatos perseguem ratos.

b. Gatos tipicamente perseguem ratos.

(13) a. Gatos acabam de chegar na sala.

b. *Gatos geralmente acabam de chegar na sala.

⁷ Exemplos (12), (13) e (15) foram adaptados.

(14) a. Político fala muito.

b. Geralmente, político fala muito.

(MÜLLER, 2004, p. 6)

(15) *Político está falando muito agora na sala 235.

No português brasileiro (PB), os *nomes nus* singulares seriam agramaticais em posição de sujeito de sentenças episódica (15), (17) e (18) (MÜLLER, 2004, p. 11; GOMES & SANCHEZ-MENDES, 2018, p. 61).

(16) Menino brinca de herói.

(17) *Menino estava brincando de herói agorinha há pouco.

(MÜLLER, 2004, p. 11)

(18) *Homem tropeçou numa pedra e torceu o tornozelo.

(GOMES & SANCHEZ-MENDES, 2018, p. 61)

Os *nomes nus* em posição de sujeito, no português brasileiro (PB), teriam sempre interpretação genérica. Não seria possível uma interpretação específica ou existencial para esses casos, mesmo em sentenças episódicas — ver (19).

(19) Judeu está fazendo jejum hoje.

(MÜLLER, 2004, p. 11)

Leitura existencial: #Tem judeu que está fazendo jejum hoje.

Leitura genérica: A maioria dos judeus está fazendo jejum hoje.

Entretanto, em algumas situações, o PB parece admitir interpretações episódicas associadas a nominais *nus* em posição de sujeito. É o caso, por exemplo, do uso (em alguns dialetos, ao menos) de nomes comuns muito familiares, que se comportam quase como nomes próprios, como pode ser observado em (20), de sentenças com verbo topicalizado como em (21) ou, em alguns dialetos, de sentenças com o objeto topicalizado, conforme (22).

(20) Mãe passou lá em casa na semana passada.

(21) Caiu água que não acabava mais ontem à tarde.

(22) O outro que morava na praia, carro matou na estrada.

(OLIVEIRA & MIRANDA, 2011)⁸

⁸ O dado (22) foi retirado de Oliveira e Miranda (2011). O referido trabalho foi fruto do Projeto-Piloto IPHAN/USP “Levantamento etnolinguístico de comunidades afro-brasileiras de Minas Gerais e Pará”, coordenado pelas professoras Dras. Margarida Petter e Márcia Oliveira, da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo - USP. Esse projeto insere-se no quadro do Inventário Nacional da Diversidade Linguística (INDL), que visou inventariar a diversidade linguística brasileira.

É preciso acrescentar, contudo, que tais exemplos são menos frequentes, pelo menos na região sudeste do Brasil, que os explorados por Müller (2004) e Gomes & Sanchez-Mendes (2018).

A noção de pressuposição

A noção de pressuposição⁹ será importante para as análises dos *nomes nus* no caboverdiano. De forma breve, além de relacionar-se com o sentido das expressões lexicais contidas nas sentenças, a pressuposição também se refere a um conhecimento prévio, extralinguístico, compartilhado entre o falante e o ouvinte e seria desta forma, uma noção semântico-pragmática (CANÇADO, 2012; GOMES & SANCHEZ-MENDEZ, 2018). As pressuposições não fazem parte do conteúdo assertado, no entanto, a estrutura linguística é o que nos oferece os elementos para derivar o conteúdo pressuposto (ILARI & GERALDI, 1987, p. 76 em CANÇADO, 2012; GOMES & SANCHEZ-MENDEZ, 2018).

Chierchia & McConnell-Ginet (1996) observam que, grosso modo, a ideia seria a de que a pressuposição de uma sentença (S) restringe ou limita a classe de contextos (C) relativos aos quais (S) pode ser enunciada de maneira feliz ou adequada. A pressuposição de (S) deveria ser satisfeita por um contexto (C) a fim de que (S) possa ser assertada, ou seja, para que um enunciado de (S) seja satisfatório naquele dado contexto.

A sentença (23a) pressupõe a sentença (23b) e o conteúdo de (23a) implica que (23b) é tomado como certo. Nesse caso, presumir que Joana tomava vinho no café da manhã é necessário para que a sentença faça sentido ao ouvinte, mesmo se esse fato não for previamente conhecido. No presente exemplo, a expressão “parar de” serve como gatilho da pressuposição (GOMES & SANCHEZ-MENDES, 2018, p. 35), tornando-a disponível.

(23) a. Joana parou de tomar vinho no café da manhã.

b. Joana tomava vinho no café da manhã.

O conteúdo pressuposto de uma dada sentença se mantém inalterado mesmo quando essa sentença for negada (24b), ou colocada em uma forma interrogativa (24c), ou ainda como uma condicional antecedendo uma outra sentença (24d), pois as pressuposições permanecem independentemente da mudança do valor de verdade da sentença.

(24) a. José emprestou o carro dele para Pedro.

b. Não é verdade que José emprestou o carro dele para Pedro.

c. José emprestou o carro dele para Pedro?

d. Se José emprestou o carro dele para Pedro, Pedro deve estar contente.

⁹ Para uma discussão mais detalhada sobre pressuposição, ver Ilari & Geraldi (1987); Chierchia & McConnell-Ginet (1996); Cançado (2012); Gomes & Sanchez-Mendes (2018), entre outros.

No caso da sequência de sentenças em (24), o fato de o carro pertencer a José permanece inalterado e, esse conteúdo compartilhado pelas sentenças, é chamado de pressuposição (CANÇADO, 2012; GOMES & SANCHEZ-MENDEZ, 2018).

Nomes nus no caboverdiano

Partindo do fato de que, em caboverdiano, os nomes prescindem da presença de determinantes (MIRANDA, 2013; 2015), verificaremos, nesta seção, quais são as estratégias que possibilitam ou favorecem as diferentes interpretações. Para tanto, apresentaremos com base em Baptista (2007) algumas análises já realizadas sobre os nomes nus, discutindo-as com base na hipótese defendida, a saber, de que os nomes nus são a forma padrão na língua. Em seguida, evidenciaremos as estratégias utilizadas para veicular as leituras genéricas das sentenças e as interpretações definida e indefinida dos nomes nus.

Análises prévias e questões gerais

Uma das análises mais amplas realizadas sobre o sintagma nominal do caboverdiano foi empreendida por Baptista (2007). A autora define nomes nus como nomes sem determinante aberto, que podem ou não carregar a marca de plural. Afirma que há, em caboverdiano, dois tipos de determinantes que marcam número, mas não gênero: o artigo indefinido *un* e sua contraparte plural *uns*. No campo da definitude, *kel* e sua contraparte plural *kes* poderiam exercer um papel de determinante definido, embora sua função primeira seja a de demonstrativo (BAPTISTA, 2007, p. 62 e 63; MIRANDA, 2015).

Em caboverdiano, *un(s)* tanto em sua forma singular, quanto em sua forma plural, pode desempenhar várias funções na língua. Pode atuar como numeral, determinante indefinido ou, ainda, como quantificador. O NP introduzido por *un* pode ser interpretado como específico ou não específico. A contraparte singular, quando acompanha entidades abstratas, comporta-se como quantificador, já a contraparte plural, por outro lado, pode comportar-se como um quantificador quando acompanhada de entidades contáveis (BAPTISTA, 2007, p. 65 a 67; MIRANDA, 2013).

Embora existam algumas questões a serem esclarecidas quanto ao comportamento de *un* no caboverdiano, principalmente em relação ao possível comportamento como quantificador tanto de sua contraparte singular quanto plural, não nos aprofundaremos, no presente artigo, na análise de suas diferentes funções. Adotaremos, portanto, para as nossas discussões sobre os nominais *nus* em caboverdiano, as análises realizadas previamente por Baptista (2007).

Segundo a autora, embora uma das funções de *un(s)* seja introduzir um novo referente, sua presença não é requerida para que dado NP seja interpretado como informação nova (BAPTISTA, 2007). Tanto nomes sem a presença de *un(s)* quanto nomes acompanhados por ele podem ter as mesmas interpretações, ou seja, nomes com ou sem a presença de *un(s)* são passíveis de serem interpretados como indefinidos específicos, não específicos ou, ainda, como

nomes quantificados.

Para fatos como esse, Dryer (2011a) aponta que nas línguas em que há apenas o determinante indefinido, como Tauya, da Papua-Nova Guiné, a presença desse determinante, na grande maioria das vezes, não é obrigatória. Assinala também que, nessas mesmas línguas, um NP sem artigo pode ser interpretado igualmente como definido ou como indefinido.

Para Baptista (2007) os *nomes nus* do caboverdiano apresentam alto grau de variabilidade interpretativa, o que os torna passíveis de serem interpretados como genérico, definido específico (singular ou plural), definido não específico (singular), indefinido específico (singular ou plural), indefinido não específico (singular e plural). A interpretação relevante seria, então, capturada através de pistas no próprio texto ou fora dele (contextuais).

Além desses fatos, a ausência de um determinante ou de marcador plural não implicaria que o nome possua denotação massiva. Os dados (25) e (26) são apresentados para exemplificar, respectivamente, a leitura atômica e não atômica de nomes como *djentis* (pessoas)¹⁰:

(25)	Ta	ben	djentis	di	stranjeiru	ki		ta	ben,
	HAB	vir	pessoas	PREP	estrangeiro	PRON.CONJ.PREP		HAB	vir
	Ta	ben	buska-m	pa’N	konta-l	storia	di	(...)	
	HAB	vir	buscar-1SG.OBJ	PREP’1SG.OBJ	contar-3SG.OBJ	história	PREP		

Tem gente que vem de fora do país, vem me buscar para eu lhe contar (para ele) história de (...)

(BAPTISTA, 2007, p. 74)

(26)	Ta	ben	djentis	di	stranjeiru	ki		ta	ben,
	HAB	vir	pessoas	PREP	estrangeiro	PRON.CONJ.PREP		HAB	vir
	Ta	ben	buska-m	pa’N	konta-s	storia	di	(...)	
	HAB	vir	buscar-1SG.OBJ	PREP’1SG.OBJ	contar-3PL.OBJ	história	PREP		

Tem gente que vem de fora do país, vem me buscar para eu lhes contar (para eles) história de (...)

(BAPTISTA, 2007, p. 74)

Em (25), observa-se o nome *djentis* sendo retomado com o pronome objeto de terceira pessoa do singular (-l), que é o que identifica a leitura atômica do nome *gente*, ao passo que, na sentença (26), o mesmo nome é retomado pelo pronome objeto de terceira pessoa do plural (-s),

10 Abreviaturas: 1SG/2SG/3SG: 1ª / 2ª / 3ª pessoa do singular; 1PL / 2PL / 3PL: 1ª / 2ª / 3ª pessoa do plural; ADV: advérbio; CONJ: conjunção; DEM: demonstrativo; DET: determinante; GRAU: flexão de grau; HAB: aspecto habitual; NEG: partícula de negação; OBJ: objeto; PFV: perfectivo; POSS: possessivo; PREP: preposição; PST: passado; PRON: pronome; T: pronome tônico.

revelando a leitura não atômica de *djentis*.

Ainda nesta mesma análise, a marcação do *status* de definitude do nome seria vista como desnecessária se a consciência coletiva ou a unicidade da entidade a tornasse familiar aos interlocutores. Seria, por exemplo, o caso de fenômenos naturais como *txuba* (chuva), ou entidades únicas, como *sol*. Outra razão para a ocorrência de *nomes nus*, conforme Baptista (2007, p. 74), seria o fato de haver indivíduos e outros elementos que são parte da experiência e conhecimento comum dos interlocutores.

Em nossas análises, contudo, a definitude ou o *status* de definido do nome não precisa estar associado a um item lexical, há outras estratégias, além das apontadas por Baptista (2007) que possibilitam a interpretação definida do nome em caboverdiano (MIRANDA, 2013).

Em análises anteriores, os nomes nus definidos singulares tenderiam a ser encontrados em posição de sujeito, enquanto os indefinidos singulares aparecem na posição de objeto (BAPTISTA, 2007, p. 77). Observamos, no entanto, com base em nossas análises, que estas seriam apenas tendências da língua, sendo possível encontrar, indefinidos específicos e genéricos (27) em posição de sujeito.

- (27) Amigu ka ta faze keli.
amigo NEG HAB fazer DEM
Amigo não faz isso.

(BAPTISTA, 2007, p. 77)

Ademais, na perspectiva da autora, outros elementos na sentença, tais como tempo e aspecto, podem direcionar o ouvinte à interpretação correta. A oposição genérico *versus* episódico também influencia na interpretação relevante (BAPTISTA, 2007, p. 77).

Defendemos, porém, que a interpretação definida e indefinida do nome, em caboverdiano, não estaria tão atrelada à posição sintática, mas sim a estratégias semânticas de interpretação, conforme apresentaremos ao longo deste artigo.

Leitura genérica no caboverdiano

Ao que parece, nem as análises sobre os plurais *nus* do inglês, nem tampouco as análises sobre os nomes nus do português brasileiro, podem ser aplicadas ao caboverdiano.

Na discussão teórica sobre os nomes nus, vimos que, no português brasileiro, são geralmente agramaticais em posição de sujeito de sentenças episódicas (ver exemplos 17 e 18)¹¹. Além do mais, quando em posição de sujeito, tendem a receber interpretação genérica.

¹¹ Vale relembra, porém, que em algumas regiões do país, essa ocorrência torna-se aceitável, ver exemplos de 20 a 22, na subseção que discute os nomes nus.

Em caboverdiano, por outro lado, nomes nus são gramaticais em posição de sujeito de sentenças episódicas, conforme sentença (28), com o nome nu, *mudjer* (mulher). Neste caso, além do nome nu poder ocorrer em posição de sujeito em uma sentença episódica, pode gerar uma leitura existencial, tal como apresentado logo após o dado (28). Este fato já aponta o comportamento distinto dos nomes nus do caboverdiano em relação ao português brasileiro e ao inglês.

- (28) Mudjer \emptyset gosta d'el, \emptyset fika ku el ala.
 Mulher PFV gostar PREP'3SG PFV ficar PREP 3SG ADV
 (A) *mulher gostava dele e ficou com ele lá.*

(BAPTISTA, 2007, p. 77)

Interpretação: Existe um x, tal que x é mulher e x gostava dele.

Nossa hipótese é a de que, em caboverdiano, os *nomes nus* seriam a forma *default* na língua e, tanto o inglês quanto o português brasileiro não possuem *nomes nus* como a forma padrão do sintagma nominal. Este fato por si só produziria importante diferença em relação ao comportamento sintático e semântico dos *nomes nus* em caboverdiano e condicionaria a interpretação existencial do nome nu em posição de sujeito em sentenças episódicas.

Com base nesta primeira característica e nas que apresentaremos ao longo dessa seção, defendemos que os nomes do caboverdiano devem ser analisados de modo distinto aos do português brasileiro, ou aos de qualquer outra língua em que os nomes geralmente sejam acompanhados de determinantes.

Além disso, diferentemente do que fora apontado por Baptista (2007, p. 80) não atribuímos à ocorrência dos nomes nus no caboverdiano a uma tendência à economia. A autora questiona, em seu trabalho, a ocorrência do uso de determinantes em caboverdiano em contraste com a utilização de determinantes em línguas como o francês e o inglês, atribuindo à utilização dos nomes nus em caboverdiano a uma propensão à economia.

De acordo com a autora, quando o falante julga que há informação situacional suficiente, eles tendem a respeitar o princípio do mínimo esforço. Conforme apontamos, não partilhamos dessa análise. Mais uma vez, partindo do princípio de que, na língua caboverdiana, os nomes nus são a forma padrão e que o comportamento dos elementos que compõem o sintagma nominal deve ser analisado de modo distinto ao de línguas como o francês, o inglês e o português, o princípio do mínimo esforço não se sustenta (MIRANDA, 2013).

A interpretação genérica das sentenças em caboverdiano não é explorada por Baptista (2007), contudo, a autora apresenta um *insight* importante para nossas análises. Observe-se a sentença em (29):

- (29) João ta bebe garafa di vinhu
João HAB beber garrafa PREP vinho
João bebe garrafa de vinho.

(BAPTISTA, 2007, p. 76)

Para a autora, em (29), *garafa di vinhu* pode ser interpretada como definido específico, como indefinido não específico e, ainda, como indefinido específico. Para melhor explicitação, apresentamos as interpretações em (30a), (30b) e (30c), respectivamente:

- (30) a. João bebe as garrafas de vinho (armazenadas na adega).
b. João bebe garrafas de vinho (a noite toda).
c. João bebe garrafas de vinho (que datam de 1985).

A interpretação precisa de *garrafas de vinho*, conforme Baptista (2007), varia de acordo com o sentido da marca aspectual de habitualidade *ta*, contexto geral ou a ancoragem de advérbios e modificadores.

A nosso ver, em (29), há realmente uma interpretação ambígua de *garafa di vinhu* que deverá ser explicitada pelo contexto, no caso do dado em questão. Observamos, no entanto, que não é a marca aspectual de habitualidade que tornará a interpretação do nome saliente, nesse caso, a marca de habitualidade favorece uma interpretação genérica da sentença, que se configura como uma estratégia separada da estratégia interpretação do nome como definido e indefinido. Essa questão é abordada nessa e nas próximas subseções.

Sobre as sentenças genéricas, é importante reiterar que não descrevem eventos particulares, mas sim regularidades, além de denotar espécies. De acordo com nossas análises, uma das estratégias que favoreceriam a leitura genérica das sentenças, conforme mencionado anteriormente, é a presença da marca aspectual verbal de habitualidade — *ta*.

A sentença (31), com a marca de habitualidade antes do verbo, diz que a *cachupa*¹² leva, em geral, três horas para ficar pronta. Em (32), a interpretação da habitualidade é bastante clara. Importante lembrar que a ausência da marca de habitualidade pode gerar uma leitura episódica, mesmo com nome nu, como é possível observar nas sentenças (33) e (34)¹³.

- (31) Katxupa ta dura tres óra pa sta prontu.
Cachupa HAB durar três hora PREP estar pronta
(A) Cachupa leva três horas para ficar pronta.

(INVERNO & SWOLKIEN, 2003, p. 187)

12 Prato típico de Cabo Verde feito à base de milho.

13 Exemplos adaptados.

- (32) Amigu ka ta faze keli
 amigo NEG HAB fazer DEM
Amigo não faz isso.

(BAPTISTA, 2007, p. 77)

- (33) Katxupa ∅ dura tres óra pa sta prantu
 Cachupa PFV durar três hora PREP estar pronta
(A) Cachupa levou três horas para ficar pronta.

- (34) Amigu ka ∅ faze keli
 amigo NEG PFV fazer DEM
 (O) Amigo não fez isso.

A sentença em (35)¹⁴, com leitura genérica e também com marca de aspecto habitual, diz: “Em geral, eu conto papelão e recebo dois contos por isso”. Trata-se de uma sentença genericamente quantificada. A genericidade, nesse caso, envolve toda a predicação. Observe-se que a marca de habitualidade encontra-se antes dos dois verbos *konta* e *recebê*. Mais uma vez, a ausência da marca aspectual faz com que não seja possível capturar a leitura genérica, exemplificado em (36), pois, em caboverdiano, a ausência de qualquer marca aspectual antes de verbos não estativos indica que estes estão no passado.

- (35) N ta konta papelon N ta recebê dôs kontu
 1SG HAB contar papelão 1SG HAB receber dois conto
Eu conto papelão e recebo dois contos.

- (36) N ∅ konta papelon N ∅ recebê dôs kontu
 1SG PFV contar papelão 1SG PFV receber dois conto
Eu contei papelão e recebi dois contos.

Em (37) observa-se uma interpretação semelhante: “Em geral, eu trabalho na estação de chuvas”, com a marca aspectual de habitualidade antecedendo o verbo.

- (37) Mas ami, N ta trabadja azagua
 ADV 1SG.T 1SG HAB trabalhar estação-de-chuva
Mas eu, eu trabalho na estação de chuvas.

(BAPTISTA, 2007, p. 67)

Na sentença (38) é possível observar que, a despeito da presença do quantificador *todo*, a leitura genérica é favorecida pela marca aspectual de habitualidade. No exemplo em questão, tem-se os verbos *flaba* e *karega* antecidos por *ta*. Apresentamos em (39) a mesma sentença sem a marca aspectual, para uma melhor visualização do contraste entre as duas leituras.

14 Os dados em caboverdiano apresentados sem referência bibliográfica foram coletados pela autora em trabalho de campo, na ilha de Santiago.

(38) Tudu mundo ta flaba ki mudjer sta
 Todo mundo HAB falar.PST PRON.CONJ.PREP mulher estar

pa ten fidju ka ta karega sacu sal, ka ta karega simentu
 PREP ter filho NEG HAB carregar saco sal NEG HAB carregar cimento
Todo mundo dizia que mulher que está para ter filho não carrega saco de sal, não carrega saco de cimento.

(39) Tudu mundo ∅ flaba ki mudjer sta
 Todo mundo PFV falar.PST PRON.CONJ.PREP mulher estar

pa ten fidju ka ∅ karega sacu sal, ka ∅ karega simentu
 PREP ter filho NEG PFV carregar saco sal NEG PFV carregar cimento
Todo mundo disse que mulher que está para ter filho não carregou saco de sal, não carregou saco de cimento.

Observamos, em adição à análise de Baptista (2007), que, embora menos frequente, a leitura genérica pode ser veiculada também por verbos estativos no caboverdiano, conforme dados (40) e (41)¹⁵.

(40) Tradison di badiu ten txeu kuza: kotxi midju
 Tradição PREP badio ter muito coisa esmaga milho

kotxi na pilon bu kotxi bu bentia bu tra farelu bu po
 esmaga PREP pilão 2SG esmaga 2SG separa 2SG tirar farelo 2SG por

katxupa riba i bu fase masa fase tenteren ku pexi o ku leti.
 cachupa em.cima e 2SG fazer massa fazer tenterén com peixe ou com leite
*Tradição de Badio tem muitas coisas: mói milho, mói no pilão, você mói, separa, tira o farelo, coloca a cachupa em cima, e faz a massa, faz tenterén com peixe ou com leite.*¹⁶

(BAPTISTA, 2007, p. 71)

(41) Kela k'e nos kumida tradicional
 Esta PRON.CONJ.PREP'ser 1PL.POSS comida tradicional

fixon ku xeren ku tenterén.
 feijão com xerém com tenterén

Esta que é nossa comida tradicional: feijão com xerém, com tenterén.

(BAPTISTA, 2007, p. 71)

Diante dos dados apresentados, é possível observar que o caboverdiano parece comportar-se de modo distinto ao português brasileiro quanto à expressão de genericidade. Müller (2003,

¹⁵ Os verbos estativos, na língua caboverdiana, apresentam um comportamento distinto quanto à interação com as marcas aspectuais verbais. Não exploraremos esta questão por não ser o foco do presente trabalho. Para mais detalhes sobre a interação entre marcas aspectuais e os verbos em caboverdiano, ver Quint (2009; 2010).

¹⁶ Tenterén: comida tradicional para o preparo da cachupa ou xerém de milho torrado.

p. 154) observa que, no português brasileiro, assim como no inglês, as sentenças genéricas “parecem não possuir nenhuma característica formal, quer em sua estrutura sintática, quer na marcação morfológica de seus constituintes, que as distingua superficialmente das outras sentenças da língua”, o que não parece ser o caso do caboverdiano.

No que concerne à leitura genérica das sentenças no caboverdiano, podemos conjecturar, conforme os dados, que a marca aspectual de habitualidade apresenta-se como uma das estratégias que a torna saliente (MIRANDA, 2013). A ausência desta marca pode favorecer a leitura episódica, mesmo com *nomes nus*. Os verbos estativos também podem veicular uma leitura genérica, embora menos frequentes. Além disso, a expressão da genericidade em caboverdiano não estaria necessariamente atrelada à presença de qualquer determinante, conforme já apontado, mesmo em sintagmas nominais de referência a espécies¹⁷.

Interpretação definida dos nomes nus em caboverdiano

Nas línguas que possuem artigo definido, a interpretação definida do sintagma nominal é comumente veiculada quando da presença desse artigo junto ao nome e uma das propriedades semânticas que distinguem o artigo definido de outros determinantes é a pressuposição de unicidade da extensão modificada por ele, enquanto os demais determinantes não geram tal pressuposição.

C. Lyons (1999) observa que a unicidade assinala que há somente uma entidade que satisfaz determinada descrição. Essa unicidade, contudo, não é absoluta, mas entendida como relativa a um contexto particular.

Em (42) a pressuposição de unicidade do nome modificado pelo artigo definido se mantém, mesmo que, nesse caso específico, ele se refira a uma classe.

(42) O gato tem quatro patas.

Consoante às nossas análises, em caboverdiano — assim como em outras línguas que não possuem artigo definido — a interpretação definida do nome não prescinde da pressuposição de unicidade, mesmo sem um artigo definido. Por conseguinte, essa pressuposição pode ser considerada uma das estratégias para a captura de tal interpretação.

Aqui, corroboramos a afirmação de Baptista (2007, p. 70) de que os determinantes podem estar ausentes se a informação suficiente quanto ao *status* de (in)definitude for provido por outras estratégias, sejam sintáticas, semânticas ou ainda relativas ao tempo verbal.

A autora observa que a marcação do *status* de definitude, ou referencial, do nome é vista como desnecessária se o conhecimento partilhado entre os falantes ou ainda a unicidade da entidade a torna familiar aos interlocutores (BAPTISTA, 2007, p. 74). Entretanto observamos, novamente, que o *status* de definitude não precisa estar associado a um item lexical. Diante

¹⁷ Observamos, porém, que não estamos discutindo, no presente artigo, outras estratégias que podem favorecer leituras genéricas, como, por exemplo, a presença do quantificador *tudu*, tal como evidenciado no exemplo (39).

disso e, levando em conta o fato de a grande maioria dos nomes em caboverdiano prescindirem da presença de determinantes, a noção de pressuposição de unicidade da entidade é vista como uma das estratégias para a captura da interpretação definida do nome em caboverdiano e pode ser marcada por estratégias sintáticas ou semânticas.

Vale ressaltar que, em nossas análises, as estratégias de leitura genérica da sentença e de interpretação do nome não estão necessariamente relacionadas. Em outras palavras e diferentemente do que fora apontado por Baptista (2007, p. 77), a leitura genérica da sentença não implica, necessariamente, que não se pode ter uma interpretação definida do nome (MIRANDA, 2013).

Nas sentenças (43) e (44), a estratégia sintática utilizada para gerar a pressuposição de unicidade é a retomada do nome através do pronome de terceira pessoa *e/el* (ele). Em (43), o nome nu (*saku simentu*) tem sua pressuposição de unicidade garantida pela sua retomada, logo em seguida, através do pronome *e*. Observe-se a presença da marca de habitualidade antes dos verbos *bem* e *trazedu*, que favorece a leitura genérica. A interpretação de (43) é semelhante à capturada em (41), apesar da unicidade do nome, a leitura da sentença é genérica.

(43) saku simentu e ta bem lá Somada káru ta trazedu di lá
saco cimento 3SG HAB vir ADV Assomada carro HAB trazer.PST PREP ADV
O saco de cimento, ele vem lá da Assomada, o(s) carro(s) que trouxe/traziam de lá.

Em (44) também é possível observar a ocorrência do nome nu *maridu*. De acordo com nossa hipótese, o fato de os nomes nus serem a forma padrão da língua faz com que as diferentes leituras sejam capturadas por meio de estratégias distintas. Neste caso, assim como em (43), a leitura definida do nome é garantida pela retomada através do pronome de terceira pessoa do singular *el*. Observe-se que o nome nu ocorre duas vezes na sentença e o pronome de terceira pessoa torna a interpretação definida saliente.

(44) Inton maridu N Ø vivê ku'el uns ténpu má maridu ben móri
Então marido 1SG PFV viver PREP'3SG DET tempo mas marido vem morrer
*Então, (meu) marido, eu vivi com ele um tempo, mas ele já morreu.*¹⁸

(RODRIGUES, 2007)

Em (45) observa-se, igualmente, a pressuposição de unicidade. Diferentemente dos exemplos anteriores, esta pressuposição não é gerada pela retomada do nome através de um pronome, mas sim, pelo conhecimento partilhado entre os falantes. Mais especificamente, a entidade (Câmara dos Deputados ou dos Vereadores) faz parte do conhecimento partilhado (*common ground*) entre os informantes e é única, em um comportamento semelhante ao dos nomes próprios.

18 Mesmo levando em conta que em sociedades monogâmicas tem-se, pelo menos perante a lei, apenas um único marido, ainda consideramos a utilização da retomada do nome através da terceira pessoa do singular, como uma estratégia sintática que gera a pressuposição de unicidade da entidade.

- (45) Ma N ta trabadja gosi ku kanbra
 Mas 1SG HAB trabalhar agora PREP câmara
Mas eu trabalho agora com a Câmara (prefeitura).

(BAPTISTA, 2007, p. 72)

Em (46), não obstante a marca aspectual verbal de habitualidade e, conseqüentemente, da leitura genérica, observa-se que a entidade é única, semelhante ao observado em (43). Ou seja, é a língua caboverdiana que se ouve todos os dias em Cabo Verde e faz parte do *common ground* dos falantes.

- (46) Pamodi kriolu nu ta obi tudu óra
 Porque crioulo 1PL HAB ouvir tudo hora
Porque (o) crioulo a gente ouve toda hora.

Müller (2003, p. 158) observa que, para o português brasileiro, o fato de haver uma sentença genérica não implica necessariamente que a generalização recaia sobre o sujeito ou ainda que o sujeito possua necessariamente uma interpretação de espécie. A nosso ver, essa análise pode ser aplicada também ao caboverdiano.

O nome *auto-káru*, no caso de (47), motiva uma interpretação definida. Aqui, observamos que o *auto-káru* esperado era único, aquele que iria para Vila Nova.

- (47) N Ø péra auto-káru N bai lá Vila Nova
 1SG PFV esperar auto-carro 1SG ir ADV Vila Nova
Eu esperei o ônibus, eu fui lá para Vila Nova.

Não se observa, em (47), a presença da marca de aspecto habitual antes do verbo. A ausência de qualquer marca aspectual antes de verbos não estativos indica que estes estão no passado. Tem-se aí uma sentença episódica, em que a verdade ou a falsidade dependem de um lugar e tempo específicos.

Importa ainda destacar que, tanto em (43) quanto em (47), a interpretação é definida e não específica, ou seja, embora pressuponha unicidade, o nome não aponta para um ser em particular no mundo.

Em (48), também há a interpretação definida do nome nu *kabesa* (cabeça) gerada pela pressuposição de unicidade, do mesmo tipo exemplificado nas sentenças (45) a (47). É a cabeça do marido que está doente e ela é única, levando em conta que os seres humanos possuem uma única cabeça. Aqui, a interpretação gerada é a definida específica, ou seja, aponta para uma entidade específica no mundo¹⁹.

¹⁹ Como já mencionamos, a marcação do aspecto verbal dá-se de modo distinto em verbos estativos, como *ter*. Logo, em tais casos, essa não seria uma noção relevante para a captura das diferentes leituras das sentenças.

- (48) Nha maridu ten cinku anu ku kabesa mariada
1SG.POSS marido ter cinco ano PREP cabeça doente
Meu marido tem cinco anos que está doente da cabeça.

Conforme apontado, a pressuposição de unicidade, que pode ser veiculada na língua através de estratégias sintáticas e semânticas, possibilita a interpretação definida dos nomes em caboverdiano. Vimos duas estratégias relevantes para a língua caboverdiana: a retomada do nome nu através do pronome de terceira pessoa do singular, e a unicidade gerada pelo conhecimento partilhado, quando o nome nu se refere a entidades únicas, como a língua caboverdiana, a câmara de deputados ou a cabeça de alguém, por exemplo.

Reiteramos ainda que, a interpretação do nome não está, necessariamente, ligada à posição sintática, conforme dados (46) e (47) em que os nomes não são sujeitos das sentenças e, não obstante, possuem interpretação definida. Para mais, pudemos verificar que as sentenças genéricas não impedem a interpretação definida dos nomes (MIRANDA, 2013).

Ainda, os nomes não precisam estar acompanhados de qualquer determinante para serem interpretados como definidos. O caboverdiano, considerado no presente trabalho como uma língua que possui nomes nus como forma *default*, evidencia diferentes estratégias para a pressuposição de unicidade associada à interpretação definida dos nomes.

Em suma, e de modo distinto ao que fora apontado por Baptista (2007, p. 77), apontamos que a interpretação dos nomes parece estar mais associada às noções semânticas do que às funções sintáticas dos elementos das sentenças.

Interpretação indefinida dos nomes nus no caboverdiano

Diferentemente da leitura definida, na indefinidade parece haver certa neutralidade quanto à unicidade do referente. Para C. Lyons (1999) no NP indefinido o falante parece estar ciente do que é referido, mas o ouvinte não.

Em (49) observamos a ausência de marca aspectual verbal, o que ancora esse evento em um momento passado. Diante disso, podemos considerar (49) como uma sentença episódica, o que, de partida, produziria uma leitura não genérica. No que concerne à interpretação dos nomes, aqui poderia haver mais de um médico, mais de um enfermeiro e mais de um servente arrumando a informante. Não há requerimento, nem tampouco estratégia sintática ou semântica, que indique ser apenas um de cada.

Neste ponto, nossa análise difere novamente da de Baptista (2007). Segundo a autora, em caboverdiano, um nome nu é interpretado como referencial (definido ou indefinido) se a sentença for episódica (BAPTISTA, p. 77). No entanto, esse não parece ser o caso de (49).

(49) Lá dentu du hospital ∅ rumanu ami. Dotor,
 ADV dentro PREP hospital PFV arrumando 1SG.T doutor

nfermér(u) (serventi) tudu rumanu ami
 enfermeiro servente tudo arrumando 1SG.T

Lá dentro do hospital, (eles) me arrumaram. Doutor(es), enfermeiro(s), servente(s), todos me arrumaram.

Em (50), (51) e (52), do mesmo modo que em (49), além de as sentenças serem episódicas, não há requerimento ou qualquer estratégia — sintática ou semântica — que indique serem as entidades únicas. Não é possível observar pressuposição de unicidade do nome *doce* em (50), por exemplo. A informante diz que já fez doce para vender e, no contexto específico, não há interpretação de que seja apenas um único doce.

(50) Ami dja fasi dosi pa bendi (...) ami dja bendi paozinhu. . .
 1SG.T ADV fazer.PST doce PREP vender 1SG.T ADV vender pão.GRAU
Eu já fiz doce para vender (...) Já vendi pãozinho ...

Na sentença (51), o nome *rabidante* também possui a interpretação indefinida. A ausência das estratégias apresentadas na subseção anterior impede que esta entidade seja interpretada como única e, novamente, esta interpretação não está atrelada ao verbo.

(51) Li era só rabidante ki moraba
 ADV ser.PST só vendedor PRON.CONJ.PREP morar.PST

Aqui, era só vendedor (ambulante) que morava.

Do mesmo modo que nas sentenças anteriores, não é possível dizer que a *kova* era única em (52). Neste contexto, a interpretação é de que a informante realizou a ação de cavar a cova mais de uma vez, independentemente se foi no mesmo dia, durante o ano, ou durante toda sua vida. A neutralidade quanto à unicidade do referente neste caso, e nos anteriores, torna possível a interpretação indefinida do nome.

(52) Ami dja ∅ kavu kova simentéra
 1SG.T ADV PFV cavar cova sementeira

Eu já cavei cova na sementeira.

Podemos observar, diante dos dados apresentados, que a pressuposição de unicidade é uma estratégia importante para a interpretação dos nomes nus na língua caboverdiana. Quando há a pressuposição de unicidade, independentemente da estratégia, se pela retomada do referente ou se pelo conhecimento partilhado, os nomes são interpretados como definidos, caso não haja essa pressuposição de unicidade, ou seja, caso haja uma neutralidade quanto à unicidade da extensão, a interpretação indefinida do nome nu é favorecida em caboverdiano (MIRANDA, 2013).

Considerações Finais

No presente trabalho, apresentamos alguns dos comportamentos dos nomes nus do caboverdiano. Aqui temos, em síntese, duas noções relevantes: a interpretação dos nomes e as diferentes leituras das sentenças.

Sobre as diferentes leituras das sentenças, observamos que uma das estratégias e, talvez, a mais frequente, que possibilita a leitura genérica é a presença da marca aspectual de habitualidade — *ta* —, que aponta para regularidades. A ausência dessa marca, por outro lado, geraria outras leituras, como vimos na subseção que trata da interpretação genérica das sentenças do caboverdiano. Embora não seja o objetivo do presente trabalho, ressaltamos que também há, na língua caboverdiana, outras marcas aspectuais verbais que podem veicular leituras diferentes.

As interpretações definida e indefinida dos nomes, por seu turno, seriam favorecidas em sentenças episódicas, mas não só. Verificamos que, mesmo em sentenças com leitura genérica, os nomes nus podem ser interpretados como definidos através da pressuposição de unicidade.

Em caboverdiano, a pressuposição de unicidade do nome é veiculada por diferentes estratégias, considerando que a língua não possui um determinante definido e que os nomes nus são a ocorrência padrão na língua. Exemplos dessas estratégias apresentadas foram a retomada anafórica do nome através do pronome de terceira pessoa do singular, e o fato de a entidade (única) fazer parte do conhecimento partilhado entre os falantes. Em suma, a pressuposição de unicidade seria uma das principais estratégias para a interpretação definida dos nomes na língua caboverdiana.

A ausência dessa pressuposição, por outro lado, levaria à interpretação indefinida dos nomes, mesmo em sentenças episódicas. Embora sejam necessárias mais análises sobre as diferentes interpretações dos nomes nus da língua caboverdiana, é possível observar, com base nos dados e análises do presente trabalho, que esta língua, de fato, comporta-se, no que diz respeito ao sintagma nominal e aos nomes nus em particular, de maneira diferente a línguas como o português brasileiro, o inglês e o francês.

Por fim, ao propor os nomes nus como a forma *default* dos nomes em caboverdiano, entendemos que as análises poderiam ser simplificadas, na medida em que o questionamento não recairia mais sobre o motivo pelo qual os determinantes são omitidos na língua, mas sim o porquê e em quais situações eles ocorrem, uma vez que diferentes estudos sobre a língua já apontaram que a ocorrência de nomes acompanhados de determinantes é bem menos frequente do que a ocorrência de nomes nus (BAPTISTA, 2007; VEIGA, 2002; QUINT, 2010, MIRANDA, 2013; 2015; entre outros).

Diante disso, o foco das análises não seria mais comparar os nomes do caboverdiano a

línguas que possuem nomes acompanhados de determinantes como forma padrão, mas estaria em analisar as diferentes estratégias (sintáticas, semânticas ou pragmáticas) de interpretação dos nomes nus em caboverdiano, conforme análise realizada no presente trabalho.

Referências

BAPTISTA, M. *On the syntax and semantics of DP in Cape Verdean Creole*. In: Baptista, M. & Guéron, J. (eds.) *Noun Phrases in Creole Language: a multi-faceted approach*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 2007, p. 61-105.

C. LYONS, C. *Definiteness*. Cambridge: Cambridge University Press, 1999.

CANÇADO, M. *Manual de Semântica: noções básicas e exercícios*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2012.

CARLSON, G. A unified analyses of the english bare plural. *Linguistics and Philosophy* 1, p. 413-456, 1977.

CHIERCHIA, G. & S. McConnell-Ginet. *Meaning and Grammar: An Introduction to Semantics*. Cambridge, MA: MIT Press, 1996.

DRYER, M. S. Indefinite Articles. In: *The World Atlas of Language Structures Online*. pp. 1-1. 2011a. Disponível em: <<http://wals.info/:Munich:Max Planck Digital Library>> Acesso em: 27 de fevereiro de 2020.

GOMES, A. Q. & SANCHEZ-MENDES, L. Para conhecer semântica. São Paulo: Editora Contexto, 2018.

ILARI, R. & J. W. GERALDI. *Semântica*. São Paulo: Ática, 1987.

INVERNO, L. & D. SWOLKIEN. O artigo definido zero em dois contextos específicos no português do Brasil e no crioulo de Cabo Verde. *Biblios* 1 (I), p. 179-192, 2003.

MIRANDA, W. *O sintagma nominal do caboverdiano: uma investigação semântica*. Dissertação (Mestrado em Linguística) do Programa de Pós-Graduação em Semiótica e Linguística Geral da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, USP, São Paulo, 2013.

_____. Kel e a expressão de definitude em caboverdiano. *Revista de Estudos da Linguagem*, Belo Horizonte, v. 23, n. 2, p. 425-450, 2015.

MÜLLER, A. L. A semântica do sintagma nominal. In: Müller, A. L.; Negrão, E. V. & Foltran, M. J. (orgs.) *Semântica Formal*, São Paulo: Editora Contexto, 2003, p. 61-74.

_____. A expressão da genericidade nas línguas naturais. In: Müller, A. L.; Negrão, E. V. & Foltran, M. J. (orgs.) *Semântica Formal*, São Paulo: Editora Contexto, 2003, p. 154-172.

_____. Tópico, Foco e Nominais nus no PB. In: Foltran, M. J. (ed.) *Sentido e Significação: em torno da obra de Rodolfo Ilari*, São Paulo: Contexto, 2004, p. 77-95.

OLIVEIRA, M. S. D. & MIRANDA, W. O NP estendido em Jurussaca: uma breve análise do sintagma nominal. *I Seminário Internacional do GELIC (Grupo de Estudos em Línguas em Contato)*, USP, São Paulo, novembro, 2011.

QUINT, N. *O Caboverdiano de bolso*. France: Assimil, 2009.

_____. *Vamos Falar Caboverdiano: Língua e Cultura*. Paris: L'Harmattan, 2010.

RODRIGUES, U. R. d. S. *Fonologia do Caboverdiano: das Variedades Insulares à Identidade Nacional*. Tese de Doutorado, Universidade de Brasília, 2007.

VEIGA, M. *O caboverdiano em 45 lições*. Praia: INIC, 2002.